

“Temos Tolkien, Pullman, e agora
Katherine Rundell. Com uma
inventividade e escrita maravilhosas.”

– MICHAEL MORPURGO,
autor de *Cavalo de guerra*

CRIATURAS IMPOSSÍVEIS

Ganhador
de sete prêmios
de melhor
livro juvenil
do ano!

KATHERINE
RUNDELL

CRIATURAS IMPOSSÍVEIS

KATHERINE
RUNDELL

Ilustrado por
Tomislav Tomić

Traduzido por
Luisa Camacho

 FARO
EDITORIAL

“O grifo é um animal emplumado e quadrúpede; seu corpo parece o de um leão, mas ele tem asas e a face de uma águia.”

Isidoro de Sevilha, *Etimologias* (c. 600).

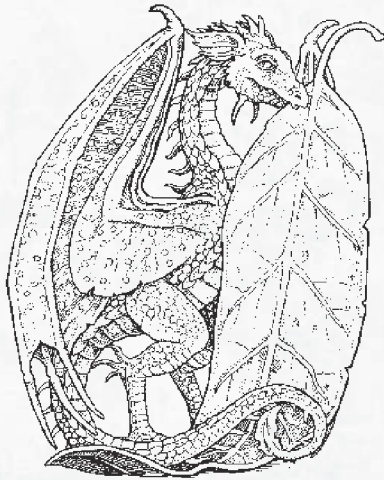
“Sua boca é a morte e sua respiração é fogo!”

Epopéia de Gilgamesh (Mesopotâmia, c. 2000 A.C.), provavelmente a primeira referência escrita a dragões.

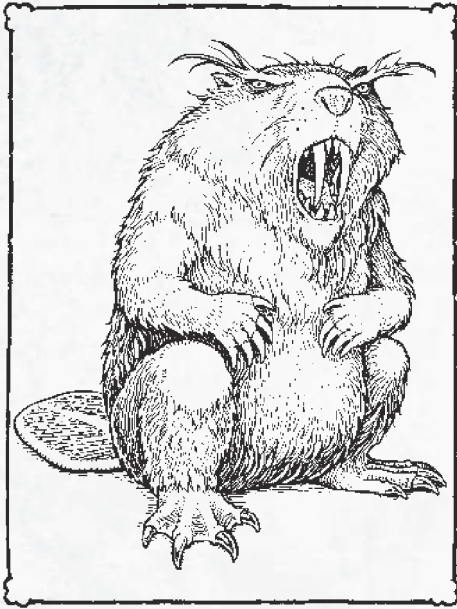
“Eu canto o progresso da alma infinita.”

John Donne, *Metempsicose* (1601).

O BESTIÁRIO do GUARDIÃO



Há um lugar secreto em nosso mundo que fica muito bem escondido para protegê-lo de nós. É um lugar de uma magnificência selvagem: uma terra onde todas as criaturas míticas ainda vivem e se proliferam. Esse lugar é conhecido como o Arquipélago: um conjunto de 34 ilhas, algumas que chegam ao tamanho da Dinamarca e outras tão pequenas quanto a praça de uma cidade. Nessas ilhas, milhares de criaturas mágicas correm e voam, se reproduzem, envelhecem, morrem e tudo começa de novo. Para nós, elas já estão meio esquecidas, e sua existência foi descartada, como se fossem apenas fruto de histórias infantis. Mas nós não as destruímos. Elas sobreviveram. Elas são belas, radiantes e reais. É o último lugar mágico que resta.

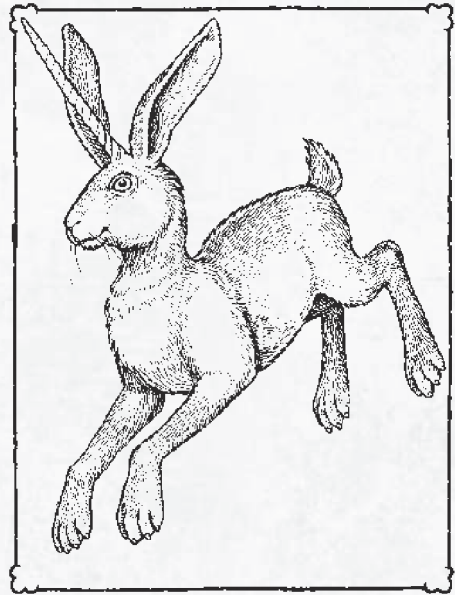


Afanc

O afanc é um carnívoro que vive nos pântanos e lembra um castor com presas. Os dentes do afanc, que tem cor de marfim e são afiados como agulhas, crescem quase três centímetros por dia e eles os mantêm aparados e afiados roendo rochas, árvores e, vez ou outra, humanos. A beleza macia e lustrosa da pelagem dessas criaturas pode levar crianças a correr certos riscos. As crianças cometem essa ousadia apenas uma vez.

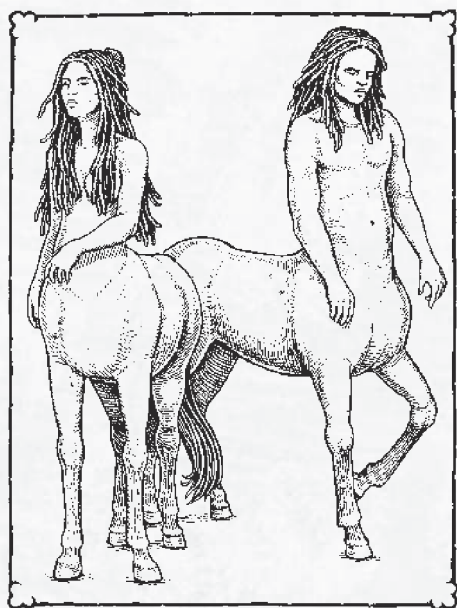
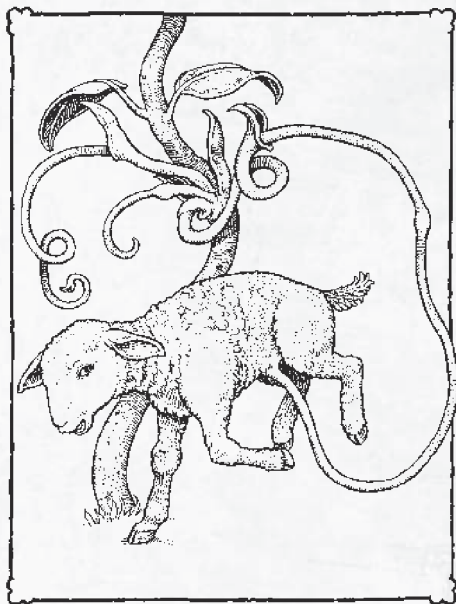
Al- miraj

Al-miraj são lebres com chifre de uma beleza estonteante. Suas orelhas são longas e rosadas por dentro, e seus chifres são de ouro puro. Durante a época de acasalamento, por onde os al-miraj pisam, a vegetação brota fresca da terra. Eles podem tecer um gramado verde em um campo seco em uma hora. Dizem que o al-miraj reconhece os valentes, os sábios e os bons. Certa vez, a rainha Ariana, de Lítia, tentou dar um espécime de presente para seu noivo, mas a criatura ignorou o pretendente e foi cumprimentar de bom grado o servo. A rainha acabou casando-se com o servo e eles viveram felizes para sempre, com um jardim cheio de lebres de chifres dourados.



Borometz

Também conhecido como “cordeiro vegetal”, o borometz cresce a partir de um caule verde, ao qual está ligado por uma gavinha. O cordeiro chega a 30 centímetros de altura, sua pele é verde e sua lã, branca. Se o cordeiro comer toda a vegetação dentro do alcance da gavinha, tanto o cordeiro quanto a planta morrem. Por esse motivo, muitas pessoas do Arquipélago carregam consigo sementes para que, caso se deparem com um borometz, possam plantá-las em volta dele. A lã desses animais, que é doada com generosidade a todos em quem eles confiam, produz o tecido mais macio do mundo, que dura centenas de anos e tem um suave perfume de terra.



Centauro

(fêmea: **centaurida**)

Centauros têm o corpo de cavalo e o tronco e a cabeça de humano. Embora sejam artesões habilidosos em muitos ofícios, a cultura dos centauros é muito centrada na comida, pois eles precisam comer doze vezes por dia para suprir as necessidades dos seus corpos e cérebro enormes. São grandes inventores culinários e promovem banquetes a cada lua cheia, que acontecem a céu aberto sob o luar. Nesses momentos, são servidos frutos da floresta, em pilhas que chegam até a um metro de altura, e destilados de flor de macieira. Os banquetes duram a noite toda e se prolongam até o dia seguinte.



Dragão

Existem 37 espécies de dragão no Arquipélago. O maior de todos — o dragão de asas vermelhas, que tem o corpo preto e a parte debaixo das asas escarlate — é tão imenso quanto uma catedral. O menor deles, o iaculus, pode se sentar confortavelmente na junta do dedão de uma pessoa. O dragão amarelo, de asas finas e cauda longa, é o mais veloz dos céus, enquanto o dragão aquático de cauda de bronze consegue respirar debaixo d'água e é conhecido por passar toda a fase adulta no fundo do oceano, voltando vez ou outra à superfície apenas para caçar marinheiros. O dragão prateado, que pode viver até quatro mil anos, é considerado a criatura mais antiga do mundo. Seu temperamento é imprevisível, como convém a quem já viu muita coisa.

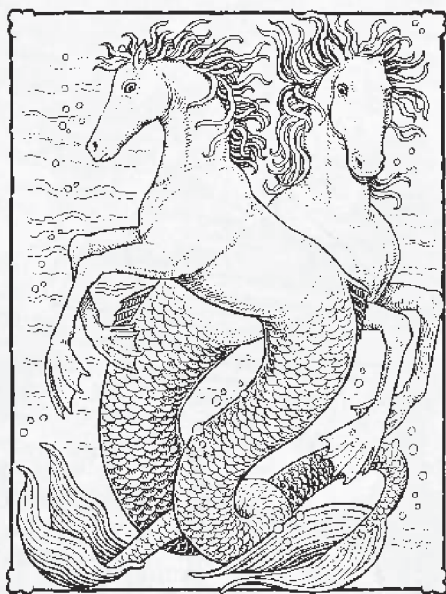
Esfinge

Esfinges têm grande dom para a matemática e para a intelectualidade. São aliadas brutalmente leais e inimigas implacáveis. O dente de uma esfinge, quando colocado na boca de um humano, permite que seu dono entenda qualquer língua. Já a lambida de uma esfinge cura praticamente qualquer ferida. Originária do norte da África e do Sudeste Asiático, as esfinges migraram e se espalharam por todo o mundo antes de se estabelecerem na península montanhosa da Ilha de Lítia. Quem deseja visitar as montanhas das esfinges deve saber que, se não conseguir responder ao enigma proposto por uma esfinge, elas têm um direito muito antigo de devorar a pessoa.



Grifo

Os grifos têm o corpo, a cauda e as patas traseiras de um leão, e as asas e garras de águia. Embora não falem em voz alta, eles aprendem muito rápido e conseguem entender a totalidade de uma língua humana em questão de dias. Quando adultos, a envergadura da asa desses animais consegue abrigar uma criança. No frio, seus corpos irradiam calor. O grifo depende mais do que qualquer outra criatura do *glimourie* (magia) presente no solo e no ar e estão entre as criaturas mais mágicas do mundo. *(Adendo, por Frank Aureate: Nos últimos cinco anos, os grifos têm se tornado cada vez mais raros. O motivo é incerto, mas é possível que haja relação com o desaparecimento do glimourie. Acredita-se que estejam em situação de ameaça de extinção.)*



Hipocampo

Os hipocampus são os verdadeiros cavalos-marinhos do oceano. Eles vivem em manadas de dez a 20 indivíduos. O macho é maior do que a fêmea, mas a fêmea é mais veloz. Suas cores variam do verde-esmeralda ao cinza e, no Noroeste, exibem o rosa cintilante dos corais. Alguns são domados e montados pelas nereidas. Todos os barcos do Arquipélago devem, por lei, ser movidos a energia eólica ou solar para que a água não seja poluída e os hipocampus jovens, conhecidos como hipopotros, possam crescer e atingir sua máxima beleza e brilho.

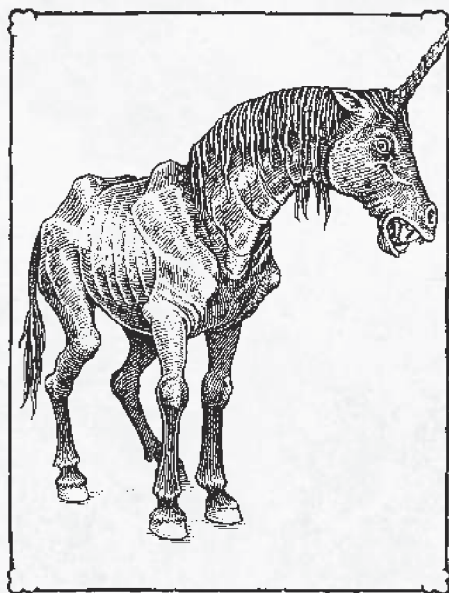


Kanko

Uma criatura parecida com uma raposa, mas do tamanho de um rato. Sua cauda é dividida em duas partes, o que permite que o kanko tenha um equilíbrio extraordinário. Também conhecido como “raposas da luz”, a saliva desses animais tem propriedades luminescentes e é usada em pinturas, principalmente no Japão, de onde são nativos. Eles têm grande inteligência, apesar do tamanho, e acredita-se que trazem sorte. No entanto, não se deve mexer nos ninhos dos kankos, apesar de serem conhecidos por fazer seus ninhos em lugares inconvenientes: sapatos, chapéus, bolsos e, certa vez, na barba de um homem no dia do casamento dele.

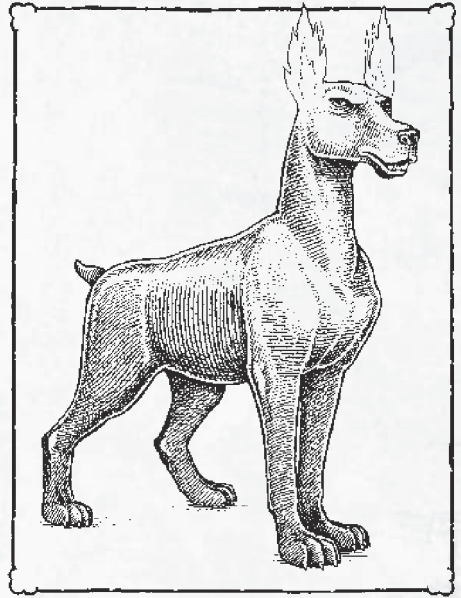
Karkadann

Os karkadanns se parecem com unicórnios, se unicórnios tivessem almas malignas e presas afiadas. Uma das poucas criaturas do Arquipélago que mata tanto por diversão quanto por fome. Eles se alimentam de carne, preferencialmente humana, e grama, para digestão. A pelagem dos karkadanns vai do preto puro ao roxo, e a pele é descolada dos ossos. O chifre é preto e a ponta carrega um veneno que causa gangrena, paralisia e morte agonizantes. É possível afastá-los com o chifre de um unicórnio, mas, como é bem improvável que tenhamos um unicórnio à disposição, esse artifício não é de grande ajuda.



Kludde

O kludde é um cachorro do tamanho de um urso, de pelagem preta. A diferença é que, no lugar das orelhas, essa criatura tem um par de chamas. Ele usa a luz das orelhas para atrair sua presa — na maioria das vezes cervos, gados selvagens e almirajs — para então devorá-la. O kludde pode ser identificado a distância pela sua respiração, que parece o som agudo de metais se chocando. A única forma de matar um kludde é apagando as suas chamas com terra ou areia molhada. Os kluddes vivem principalmente em ilhas não habitadas por humanos. São poucos os habitantes do Arquipélago que verão essa criatura em vida. Aqueles que já os viram, não se esquecem jamais. (*Adendo por Frank Aureate: A menos que tais humanos tenham sido comidos. Nesse caso, provavelmente se esquecerão.*)



Kraken

A mais antigas das criaturas marítimas. A origem dos krakens remonta ao período Cretáceo, ou seja, coexistiu com o Tiranossauro Rex. Eles têm de oito a 46 tentáculos, dependendo da subespécie. São aterrorizantes quando estão com fome: há relatos de krakens que devoraram até 400 marinheiros em um único dia, e os redemoinhos formados pelos seus tentáculos podem arrastar navios enormes para o fundo do mar. Os krakens não costumam migrar e permanecem na região onde nasceram. Assim, marinheiros que têm bons mapas costumam se desviar dessas criaturas, mas os que navegam sem mapas estão arriscando a pele.



Lavellan

O lavellan se parece com um pequeno musaranho aquático. Ele aparece em uma canção satírica que diz: “Não deixe que ele se afaste da casa, indo para o musgo ou o bosque, para que o lavellan não o mate.” A canção não é boa, mas serve como um alerta. O lavellan pode envenenar uma nascente de água se nadar nela e, apesar de seu tamanho minúsculo, pode matar um humano adulto com os dentes. O lavellan só machuca os humanos se for provocado, mas sua definição de “provocação” é bastante genérica, podendo incluir um espirro, uma risada e todas as formas de danças performáticas.

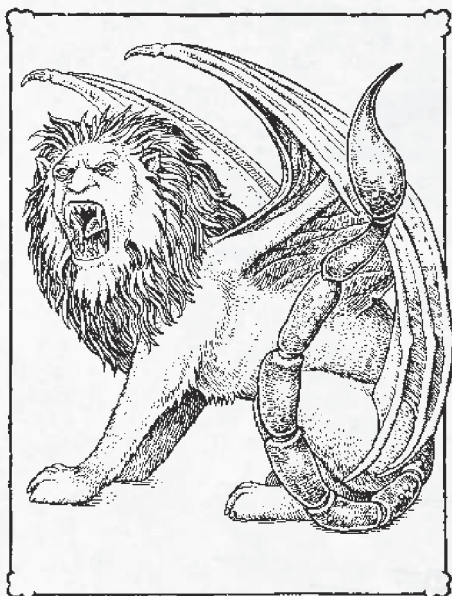
Longma

Um cavalo-alado com escamas, em geral verdes ou marrons e com a barriga preta, de velocidade e forças estonteantes. Alguns longmas passam a vida inteira sem tocar o chão. Hábilitosos no ar como nenhuma outra criatura, eles buscam nuvens de chuva e voam devagar em volta delas para se limpar, com as asas bem abertas. O longma é a única criatura do mundo que dá à luz em pleno ar: a mãe voa o mais alto que consegue para que quando o filhote caia pelos ares, tenha o maior tempo possível para abrir as asas antes de atingir o chão. Os longmas devem ser tratados com cuidado: são pouquíssimos espécimes que criam vínculos com seres humanos. E, mesmo assim, esses humanos às vezes acordam e percebem que algumas pequenas partes dos seus corpos foram comidas — um dedo, por exemplo, ou metade de uma orelha —, pois não existe um longma que seja de fato domado.



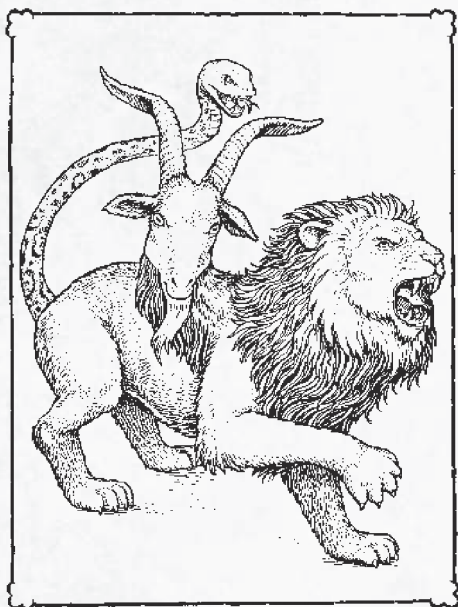
Mantícora

A mantícora tem cauda de escorpião, rosto humano, dentes e corpo de leão e a personalidade de um político hipócrita. Algumas subespécies têm asas, com uma bola cheia de espinhos na ponta da cauda. Assim como os karkadanns, as mantícoras são uma das poucas criaturas que atacam seres humanos ao vê-los, mesmo quando não precisam se alimentar. Elas mentem e matam por prazer e têm cheiro de podridão.



Nereidas

É um erro confundir nereidas com se-reias. Elas se ressentem, e o ressentimento dessas criaturas pode ser perigoso. Embora vivam debaixo d'água, elas não têm caudas. Seu cabelo e ponta dos dedos são prateados, e a pele pálida tem um leve brilho prateado. Sua voz é conhecida por ser hipnótica. Dizem que a língua delas originou-se da música dos mares. Embora sejam perfeitamente capazes de caminhar em terra firme, elas só o fazem em caso de extrema necessidade. Encontradas sobretudo nos mares do sul do Arquipélago, são pessoas bastante lógicas, mas sua lógica é a do oceano, incompreensível para os humanos. As populações humanas do Arquipélago as tratam com reverência e mantêm distância. A expressão “misteriosa como uma nereida” é um ditado popular nas ilhas.



Quimera

A quimera se parece com um leão, mas tem uma segunda cabeça de bode e uma cauda que termina com a face de uma cobra. Cada uma dessas três faces tem cérebros, sistemas nervosos e fortes opiniões individualizadas. Isso faz com que a quimera não cause tanta devastação quanto poderia, pois ela não consegue concordar consigo mesma quanto ao que deve fazer.

Ratatoska

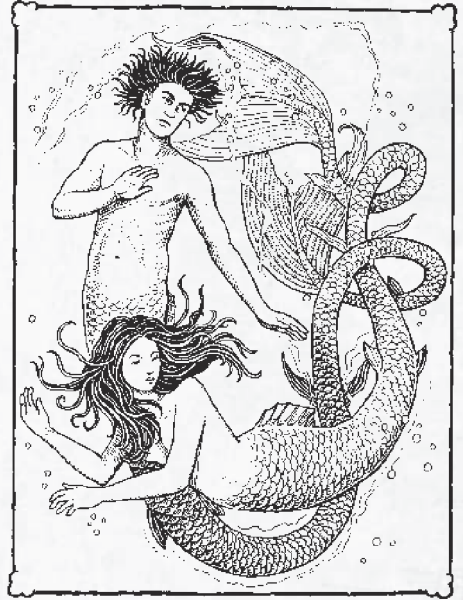
(pronúncia: *rata-TOS-ka*. Grafia alternativa: *ratatoskr*)

Parecidas com grandes esquilos, de pelo verde e com um pequeno chifre, as ratatoskas estão espalhadas por todo o Arquipélago. Elas conhecem mais os segredos do mundo do que qualquer pessoa — as fofocas, as lendas, as verdades, as meia-verdades e as quase mentiras. Embora sejam fisicamente inofensivas, durante a infância, elas podem ser verdadeiras propagadoras do caos com uma tendência a travessuras. Se quiser espalhar um boato e não estiver muito preocupado com a verdade, conte-o para uma ratatoska.



Sereia

(Cf. também sereio, tritão; um indivíduo recém-nascido é um serino)
A maioria das sereias vivem nas águas do norte do Arquipélago. Alguns clãs, como a tribo Marian, têm caudas que chegam a dez metros de comprimento. Essa cauda, independente do comprimento, tem 40 mil músculos (em comparação, os humanos têm 650 músculos no corpo todo). Muitos desses indivíduos são músicos, e inventaram diversos instrumentos subaquáticos que produzem uma música bela e suave. Algumas das canções, compartilhadas com os humanos, foram incorporadas à tradição humana. Dizem, por exemplo, que Vivaldi pegou emprestadas das sereias muitas de suas composições.



Twrch Trwyth

(pronúncia: tuOOOrque troife)

Conta-se que, uma vez, o rei Artur conseguiu montar nesse javali de pelo preto-azulado. Seu pelo irradia um brilho iridescente à luz do luar. O javali pode chegar ao tamanho de um rinoceronte e é capaz de esmagar quem o assustar ou irritar, mas é dócil e gentil com as crianças. Dizem que ele abriga andorinhas debaixo de sua barriga e axila durante as tempestades. Conhecido como o javali-guerreiro, os twrch trwyth lutam por aqueles que amam. Embora sejam desajeitados na terra, são adoravelmente elegantes na água, e podem nadar por toda a extensão do Arquipélago sem parar um minuto sequer.

Unicórnio

Quando nascem, têm a cor do mais puro ouro, mas ficam prateados no segundo ano de vida e brancos ao completar quatro anos. Unicórnios preferem áreas de bosque com relva macia. Quando não são perturbados, podem viver mais de trezentos anos. Eles conseguem sobreviver se alimentando de grama e arbustos, mas amam ervas como capim-limão, tomilho e hortelã (sua preferida). A respiração de um unicórnio é capaz de dotar os seres humanos de coragem. Os pelos de sua cauda e crina, quando tecidos na forma de bandagens, podem curar feridas fatalmente infectadas. Sabe-se de casos em que eles caminharam por campos de batalhas, lançando seu sopro de vida nos que haviam morrido. Ao longo da história, há relatos de pessoas que montaram unicórnios, mas é um evento bastante raro. A maioria das pessoas que tentaram esse feito foram cuidadosa e educadamente jogadas no chão.





O INÍCIO

Era um dia belíssimo, até que alguma coisa tentou comê-lo.

Era uma criatura preta, quase como um cachorro, mas nada parecida com nenhum cachorro que ele já havia visto. Os dentes do animal eram do tamanho de seu braço, e as garras pareciam capazes de destruir um carvalho adulto.

Portanto, o fato de Christopher Forrester ter se recusado — com rapidez, astúcia, e coragem — a ser devorado, diz muito sobre ele.



O INÍCIO EM OUTRO LUGAR

Era um dia belíssimo, até que alguém tentou matá-la.

Ela havia acabado de voltar para casa após uma aventura, voando pela floresta com os braços abertos e a capa esvoaçando, golpeada pelo vento.

Mal Arvorian só conseguia voar quando o vento soprava. Naquele dia, o clima estava perfeito: uma brisa vinda do Oeste que trazia o cheiro do mar. E lá estava ela, girando no céu, rodopiando no ar gelado. A capa esvoaçante era pesada e grande demais para ela, que tinha que usá-la com as mangas dobradas quatro vezes. Quando o vento estava soprando — não precisava ser forte, mas era necessário algum vento —, ela segurava a capa pelas pontas e a abria, como asas, para sentir a brisa erguê-la do chão.

Naquele dia, ela tinha voado por cima do topo das árvores, roçando a ponta dos sapatos nos galhos, e mergulhado rápido, espantando uma manada de unicórnios.

Na cozinha, sua tia-avó Leonor reclamou do frio que sentia nas mãos e deu a ela uma xícara de xarope quente, quando ouviram alguém bater à porta.

Era o assassino.



A CHEGADA

No dia antes do ataque, Christopher sentou-se em um banco do lado de fora do terminal de balsas para esperar pelo avô. Ele tinha viajado sozinho de seu apartamento no norte de Londres até a Escócia, e estava com cãibra na perna e uma fome voraz.

Um esquilo pulou no banco e ficou olhando para ele. O animal se aproximou pouco a pouco, trêmulo, até seus bigodes tocarem no joelho de Christopher. E depois chegou mais um, e mais outro, até que havia sete esquilos, todos reunidos em volta de seu pé.

Uma mulher à espera de um táxi se virou para olhar.

— Como é que ele consegue fazer isso? — perguntou para o homem a seu lado.

Um esquilo correu para se agachar na ponta do sapato de Christopher. Ele riu, e o esquilo subiu correndo pela sua canela até chegar ao joelho.

— Tudo bem com você? — perguntou para o esquilo. — Tenha um bom dia.

— Dando comida, é claro — respondeu o homem, e então gritou para Christopher. — Você não deveria alimentar animais silvestres! Faz mal para eles!

— Eu sei — Christopher disse, com um sorriso forçado. — Não estou lhes dando comida.

Era uma piada entre seus amigos que, em qualquer lugar que Christopher fosse, os animais iam atrás dele. Gatos de rua vinham se enroscar nas suas pernas; cachorros subiam nele no parque. Já tiveram até que interromper

partidas de futebol quando um pequeno grupo de raposas uivantes tentou chegar perto dele. Houve um dia em que pombos insistentes voaram para cima dele durante um passeio da escola, e nadar nos lagos era quase impossível. O salva-vidas o mandou sair da água, porque a chegada repentina de um bando de cisnes estava assustando as criancinhas.

Na ocasião, Christopher sorriu, assobiou para os cisnes e os guiou para fora do lago, acompanhando-os até uns arbustos próximos. Um cisne jovem tentou se empoleirar em seu ombro, o que lhe rendeu um arranhão por causa das garras do animal. Ficou com aquela cicatriz por meses. Ele não ligava para as cicatrizes: sabia que a atenção e o amor dos animais não eram brandos. Em geral, envolvia uma certa quantidade de sangue.

— Deve ser o cheiro dele — seu pai dizia, sério. Mas Christopher não achava que tinha um cheiro tão diferente dos outros garotos de sua idade. Ele tomava banho, mas sem exageros.

Quando era mais novo, aquilo era a maior alegria de sua vida. Conforme crescia, continuava adorando aquilo tudo, mas tinha aprendido a esconder, porque seu pai detestava. Os animais lhe causavam uma ansiedade inexplicável. *Cai fora!*, ele dizia e saía espantando gatos, pássaros ou, às vezes, os ratos no metrô. Christopher e o pai já não iam mais ao campo, porque sempre havia uma chance de coelhos correrem atrás deles ou andorinhas fazerem ninhos em seu cabelo.

Nem sempre foi assim. Antes da morte da mãe, ele lembrava que o pai era diferente. Os animais também se aproximavam de sua mãe. Ele tinha uma foto dos três no parque Richmond, cercados por cervos, o pai ria com Christopher, ainda bebê, nos ombros. Mas fazia nove anos que ela havia morrido, e o pai ficou retraído desde então, como se um peso tivesse sido colocado nas costas dele, esmagando-o para baixo e para dentro. Tudo na casa parecia menor — reduzido em tamanho e em bravura — depois daquilo.

Então, Christopher abria sua janela escondido à noite para deixar os pássaros entrarem. Ele usava um sobretudo longo de lã azul-marinho e, às vezes, deixava os pardais investigarem seus bolsos. Desviava-se do próprio caminho para cumprimentar corvos, caso os visse, e deixava que subissem com suas garras afiadas até seu braço e ombro. Seus amigos tinham medo — “os corvos vão bicar seus olhos” —, mas ele apenas sorria e balançava a cabeça.

— Que nada. — Perto dos animais, sua voz ficava mais baixa e suave. — Não vão não... — E os animais não o bicavam mesmo.

Os corvos traziam botões prateados e cliques de papel para ele, além de moedas que ele furava e pendurava ao redor do pescoço com um cadarço. Alguns dos alunos mais velhos da escola riam de seu colar, mas isso não o desencorajava de usá-lo. Era sua maneira de afirmar sua lealdade a todas as coisas vivas e selvagens.

E, então, ele ficou mais velho e mais alto — sim, eles eram uma família alta, com pernas desengonçadas e mãos finas — e esperou.

Christopher não sabia explicar o que estava esperando: apenas sentia uma esperança que queimava em seus pulmões e estômago, pois sabia que havia algo mais do que aquilo que tinha visto até então. Os animais pareciam uma promessa.

(E ele tinha razão. Havia uma surpresa que mudaria sua vida para sempre).



A CHEGADA EM OUTRO LUGAR

O assassino chegou de barco. Veio tranquilo, com passos suaves e mãos limpas. Ele passou por um grupo de homens e mulheres que puxavam uma rede cheia de peixes-fogo, com a faca escondida no bolso. As pessoas se viraram para olhá-lo, mas ele apenas acenou, e elas o esqueceram assim que ele sumiu de vista, bem como planejava. Ele era profissional: havia passado anos aperfeiçoando a arte de ser esquecido. O cabelo não era curto e nem comprido, e os sapatos foram lustrados na medida exata para não atrair nenhum comentário. Os olhos, que eram tão escuros e frios quanto o fundo do mar, não se fixavam em nada por muito tempo. Até que, naquele belo dia, eles se fixaram em Mal.

* * *

Pensando bem, tinha sido fácil para o assassino encontrá-la. É fácil encontrar sua presa se já foi instruído a procurar por uma menina voadora e então vê uma criança, dez metros acima do chão, passando pelo meio de um bando de gaviotas. Ver humanos voando era incomum, mesmo no Arquipélago.

Já fazia anos que Mal havia aprendido a voar. Um adivinho viajante lhe dera seu casaco voador assim que ela nasceu. Ele a batizou e deixou o casaco sobre seus pezinhos. Ele tentou falar mais, explicar por que havia dado o casaco para ela, e só para ela, mas a casa estava em luto, pois a mãe de Mal não havia sobrevivido ao parto e ele bruscamente fora mandado embora.

Foi, portanto, sem qualquer instrução que Mal alçou voo. Os vizinhos riram dela, uma menininha tão pequena com um casaco enorme, correndo na direção do vento. Então, ela ficava envergonhada e, no dia seguinte, acordava mais cedo para que ninguém a visse. No início, quando o vento diminuía, ela costumava cair no chão, fazendo um barulho de ossos quebrados; chegou a fraturar os dois tornozelos várias vezes, torceu o braço e virou o dedinho. A unha do dedão do pé ficou com uma cor interessante, meio preta e esverdeada, e caiu. Mas ela tentava várias vezes, lambia o sangue do joelho ralado, subia nas árvores e se jogava lá de cima.

E ela provou que os vizinhos estavam errados.

— Não, eu *vou* conseguir — ela disse, quando o filho do vizinho riu dela. — Você não sabe de nada. — Ela andava de queixo erguido naquela época. As pessoas eram complicadas. Ela percebeu que estava ficando agressiva quando ficava perto delas, com medo de falar besteira e ficar com o rosto todo vermelho. Mas o céu fazia todo o sentido para Mal. Ela podia ser encardida e desajeitada no chão, mas voando, diziam os locais, Mal Arvorian era bonita de se ver.

Aos nove anos, ela já havia aprendido a plainar até parar de leve. Aos dez, conseguia aterrissar na ponta dos pés, ou com um pé só. Aos doze, conseguia grudar o queixo no peito e se jogar para frente, dando cambalhotas no vento. Naquela manhã de primavera, ela havia voado por cima do mar, com os pés descalços tocando a água após guardar as botas nos bolsos, a água do mar salpicava seus tornozelos, e ela ria da velocidade e de alegria.

O assassino a observara, e sorria um sorriso desagradável.

Mal estava proibida de voar para além do jardim e dos campos. Sua tia-avó Leonor ficaria horrorizada se soubesse até onde Mal tinha ido. Mas sua tia-avó tinha uma lista imensa de coisas proibidas, e Mal não conseguia obedecer a todas elas.

— Não dá para ficar dentro de casa sentada numa cadeira o dia todo. É assim que as pessoas viram pedra — disse ela a Gelifen.

Então, proibida de cortar o cabelo, ela cortou sozinha a franja, usando uma tesoura de unhas. Ficou um pouco torta, mas ela gostou, e para finalizar, colocou um fio dourado que havia tirado de uma toalha bordada em sua trança. Proibida de ir à floresta, ela voava até lá enquanto a luz do amanhecer ainda estava surgindo, antes de Leonor acordar. Ela queria muito conhecer as ratatoskas, aqueles animais verdes parecidos com esquilos, e aos poucos

começou a conversar com elas e ouvir suas fofocas. Em troca, ela também lhes contava histórias, de como havia encontrado o Gelifen (um ovo que apareceu na beira do mar: “Entrei na água com roupa e tudo, e ele se chocou na minha cama. Ele dorme no meu travesseiro agora”), e ouviu uma jovem ratatoska repetir a história, quase gritando com uma voz estridente (“Ela nadou quase até Lítia, é verdade, com um vestido de baile; teve que lutar contra uma nereida para ficar com o ovo, é verdade”).

Ela passava horas correndo por entre as árvores com Gelifen, procurando por unicórnios e devorando frutas. Ela tinha visto uma família de al-miraj trotando pela vegetação rasteira salpicada de sol, uma trilha de brotos de grama frescos que marcavam o progresso deixado para trás. Ela tinha sido mordida, uma vez, por um afanc — a culpa foi toda dela, disse Leonor, por ter chegado perto demais — e tinha infeccionada, fazendo com que sua tia-avó tivesse que dormir com ela por sete noites seguidas. Assim que saiu da cama, voltou para a floresta. Tinha trabalho a fazer por lá.

Mas, acima de tudo, havia o céu. Como aconteceu vez ou outra, se alguém da cidade não gostasse disso e lhe dissesse que ela era um pouquinho caótica, um fardo para a idosa — então Mal o olhava feio, corava e corria para se refugiar no céu.

O céu era a liberdade de Mal. Ela se inclinava para voar por entre as nuvens, subindo cada vez mais alto naquele borrão branco. Abria a boca e esticava a língua para fora, e voltava para a terra encharcada, com as bochechas vermelhas e vitoriosa. “Banquete de nuvem”, como chamava. Algumas nuvens não tinham o mesmo gosto que outras; havia um frio e um sabor diferentes para diferentes tons de cinza e branco. Gelifen ainda não conseguia voar a seu lado, então ela o enfiava no macacão, o bico ficava saindo pela lâ azul da parte de cima.

Com o passar dos anos, algumas pessoas suspeitavam que a garota fosse rara de alguma forma. Algumas delas pensavam assim com uma pontada de inveja pelos próprios filhos, e outras com emoção e prazer. Mas elas andavam ocupadas e, em sua maioria, deixavam Mal em paz, para correr, e comer, e voar.

Exceto o assassino naquele dia.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS
OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM AGOSTO DE 2024